

MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E TECNOLOGIA: MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS EM EXPOSIÇÃO VIRTUAL

Elisângela Ap. da Silva Lizzi (UTFPR);

Marcelo da Silva Junior (Análise e Desenvolvimento de Sistemas-UTFPR/NEABI-CP)

Ana Cecília Santana de Oliveira (Engenharia de Software-UTFPR/Coletivo UBUNTU),

Daniel Cruz Neto (Engenharia Elétrica-UTFPR/Coletivo UBUNTU/NEABI-CP)

Glaucia Maria Bressan(UTFPR);

INTRODUÇÃO

A exposição virtual “Vozes negras e indígenas: mulheres extraordinárias que marcaram a história” constitui-se como uma proposta educativa e cultural que visa dar visibilidade às trajetórias de mulheres negras e indígenas cujas contribuições foram fundamentais para a transformação social, política, artística e científica, mas que historicamente foram silenciadas ou marginalizadas. Inserida no âmbito das ações do NEABI, a iniciativa articula tecnologia digital e educação antirracista, compreendendo o ambiente virtual como espaço potente de produção, circulação e democratização do conhecimento. A exposição organiza-se a partir de uma curadoria de narrativas biográficas fundamentadas em pesquisa bibliográfica e documental, apresentando ao público histórias de resistência, protagonismo e produção de saberes. O objetivo deste trabalho é desenvolver uma exposição virtual intitulada “Vozes negras e indígenas: mulheres extraordinárias que marcaram a história”, com o propósito de valorizar e difundir trajetórias de mulheres negras e indígenas que contribuíram para transformações sociais, políticas, culturais e científicas.

MATERIAIS

E

MÉTODOS

Adotou-se abordagem qualitativa, com realização de levantamento bibliográfico e curadoria de conteúdos relacionados às personalidades selecionadas. As informações foram analisadas quanto à relevância histórica, consistência e adequação pedagógica. Em seguida, procedeu-se à sistematização dos dados e à construção da narrativa digital, organizando os conteúdos em formato acessível e interativo. Por fim, realizou-se revisão crítica do material, assegurando sua confiabilidade e alinhamento aos objetivos educacionais da proposta. Foram utilizados recursos de desenvolvimento web para *front-end*, usando linguagem de programação JavaScript, para construção da interface interativa da exposição. Também foram empregados materiais oriundos de pesquisa bibliográfica e documental, incluindo artigos, sites institucionais e registros históricos confiáveis, que subsidiaram a seleção e organização das biografias e conteúdos apresentados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção da exposição virtual resultou na sistematização de um acervo digital composto por 20 trajetórias de mulheres negras e indígenas, organizado em ambiente interativo que favorece o acesso, a navegação e a apropriação crítica dos conteúdos. As narrativas apresentadas, como as de Harriet Tubman, Angela Davis, Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus, evidenciam diferentes formas de resistência articuladas em contextos históricos marcados por

opressões raciais, de gênero e de classe. Do ponto de vista crítico, a curadoria da exposição dialoga com a perspectiva do quilombismo, ao compreender a produção de conhecimento negro como prática coletiva de resistência e afirmação identitária (NASCIMENTO, 2020). Nesse sentido, a organização das biografias não se limita à dimensão informativa, mas constitui-se como estratégia política de enfrentamento ao epistemicídio, entendido como a deslegitimação sistemática dos saberes produzidos por grupos historicamente subalternizados. A análise dos conteúdos também revela a pertinência da noção de interseccionalidade, ao evidenciar que as experiências dessas mulheres são atravessadas simultaneamente por múltiplos sistemas de opressão, como raça, gênero e classe (DAVIS, 2016). Assim, a exposição contribui para deslocar leituras simplificadoras, demonstrando que as desigualdades estruturais operam de maneira articulada e histórica. No contexto brasileiro, destaca-se a contribuição de Lélia Gonzalez, cuja crítica ao mito da democracia racial permite compreender os processos de invisibilização das mulheres negras como parte de uma lógica estrutural de exclusão (GONZALEZ, 1988). A presença de trajetórias como a de Carolina Maria de Jesus reforça essa análise, ao evidenciar como a produção intelectual negra, sobretudo feminina, foi historicamente marginalizada, apesar de seu inegável valor social e literário.

Do ponto de vista tecnológico, o uso de linguagens de desenvolvimento web, como JavaScript, possibilitou a construção de um ambiente digital interativo, ampliando o alcance da proposta e favorecendo sua inserção em diferentes contextos educacionais. No entanto, é fundamental reconhecer que a tecnologia, por si só, não garante práticas emancipatórias, sendo necessário que esteja articulada a intencionalidades pedagógicas críticas, compreendendo a educação como prática da liberdade (hooks, 2013). Dessa forma, a exposição virtual configura-se como um dispositivo pedagógico e político que tensiona narrativas hegemônicas, promove a valorização de epistemologias negras e indígenas e contribui para a construção de uma educação comprometida com a equidade e a justiça social. Mais do que um repositório de informações, trata-se de um espaço de reexistência, no qual memória, tecnologia e resistência se articulam na produção de novos sentidos no campo educacional.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69–82, 1988.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

AGRADECIMENTOS: Os autores agradecem a UTFPR pela bolsa de extensão PROREC e a deputada Carol Dartora pela emenda parlamentar concedida aos coletivos e NEABIs